3

O recalque da guerrilha

É como uma assombração: a cada passo de aproximação do livro de Rigoberta Menchú aparece algum vulto de Ernesto Guevara de la Serna. Eles jamais se cruzaram (ela só tinha oito anos quando ele morreu), a fama da índia não deve nada ao argentino; mas a vida dele, sua obra, suas amizades, seu carisma tecem uma espécie de pano de fundo da trajetória da narrativa de R. M. a ponto de se tornar difícil falar dela sem evocá-lo. O testemunho de Rigoberta Menchú, paradigma da biografia metonímica que alcançou uma posição hegemônica no debate sobre o *testimonio*, foi inteiramente construído (em Paris, La Havana e depois nos Estados Unidos) sobre o recalque da grande narrativa testemunhal latino-americana que formava o seu contexto de enunciação na época: a narrativa guerrilheira inspirada em Che Guevara.

3.1

Paris

Em Paris, Rigoberta foi entrevistada no apartamento de E. B., então mulher de Régis Debray, que, em 1974, escreveu em *Las pruebas de fuego*¹:

La integración de los indígenas a la elaboración, las tareas de ejecución y de *dirección* de la guerra revolucionaria es el problema número uno de la revolución guatemalteca, pero también el más difícil de resolver. ¿Cómo podrá llegar un día esta guerra a ser *su* guerra? Tal es la pregunta que hoy se plantean todas las vanguardias serias.

Como integrar os índios à guerra revolucionária da Guatemala?, perguntava-se o então ideólogo francês da guerra de guerrilha. Elizabeth Burgos podia desconhecer a

¹ Debray, Régis, 1975, p. 288, citado no livro de Stoll, 1999, p. 1.

realidade guatemalteca, como afirmou Arturo Taracena, mas o seu marido estava, de longa data, muito bem informado sobre a situação do país. De fato, Debray escreveu este texto junto com Ricardo Ramírez, o líder do Exército Guerrilheiro dos Pobres (EGP), outro amigo de Che, segundo o seu biógrafo Jon Lee Anderson². Ramírez conheceu Guevara na Guatemala em 1954, logo depois do golpe arquitetado pela CIA que derrubou o governo progressista de Jacobo Arbenz. Ele tinha 23 anos³, cursava a faculdade de agronomia e era líder estudantil: um dos melhores nos quadros da juventude comunista, segundo Guevara, que elogiava a sua grande cultura e o seu pragmatismo. Depois da Revolução Cubana, Guevara o convidou para se juntar ao grupo de exilados políticos residentes em La Havana. Em 1972, Ramirez fundou a EGP e iniciou a guerrilha no noroeste da Guatemala. O primeiro destacamento de revolucionários foi chamado Frente Guerrilheira Comandante Ernesto Guevara. A sua bandeira carregava a famosa foto do Che olhando para o horizonte, imortalizado por Alberto Korda. A sua estratégia seguia a teoria dos focos de guerrilha.

Em 1982, em Paris, o representante oficial da EGP era Arturo Taracena, o homem que levou Rigoberta Menchú à casa de Elizabeth Burgos. Rigoberta Menchú estava totalmente imersa num ambiente guevarista. A epopeia cubana era então vista pelos militantes de esquerda das Américas como um modelo e Guevara ganhou progressivamente o *status* de mito até ser chamado de maneira corriqueira em La Havana como o Guerrilheiro Heroico.

Rigoberta Menchú chegou à casa de Elizabeth Burgos, que era ativista desde a juventude na Venezuela, tendo aderido ao partido comunista local em 1958, na época das manifestações que levaram à queda da ditadura de Pérez Jiménez. Cinco anos depois, enquanto o P. C. liderava uma guerrilha contra o governo democrático de Caracas, E. B. conheceu Régis Debray, então jovem repórter francês enviado para filmar a guerrilha venezuelana e que acabou envolvendo-se com o movimento revolucionário. Perseguidos pela polícia, eles fugiram para a Colômbia e depois viajaram juntos para o Equador, o Peru, o Chile e finalmente a Bolívia, onde Burgos trabalhou para o governo até acontecer um golpe de estado. Ela então decidiu visitar clandestinamente a família na Venezuela, foi presa, passou algum tempo na cadeia e, ao sair, exilou-se na França onde reencontrou Régis Debray.

² Anderson Jon Lee, *Che Guevara a revolutionary life*, ed. Grove Atlantic. USA, 1998, p.155.

³ A Revolução Cubana foi conduzida por uma geração de jovens entre 25 e 33 anos (Fidel Castro). O comandante-chefe do exército, Camilo Cienfuegos, por exemplo, tinha 27 anos.

Em 1966, em La Havana, eles participaram da famosa Conferência Tricontinental, organizada por Che Guevara, que reuniu militantes revolucionários de 70 países da América Latina, África e Ásia. Ali nasceu a intensa amizade entre Régis e Che Guevara. Em fevereiro de 1967, Che deslanchou a sua última frente de guerrilha na Bolívia. Em abril, publicou na *Revista Tricontinental* o seu artigo exortando os militantes do mundo inteiro a “criar dois, três... muitos Vietnãs”. No mesmo ano, Debray publicou na França o livro *Révolution dans la révolution*⁴, um dos textos mais importantes da luta guerrilheira na América Latina. Enviado por Fidel Castro para levar mensagens a Che Guevara, Debray acabou preso pelo exército boliviano e condenado a trinta anos de cadeia. Atrás das grades, Debray se casou com Elizabeth que, durante três anos, liderou uma campanha internacional para libertar o marido, conseguindo o apoio de personalidades, como o papa Paulo VI e o presidente Charles de Gaulle. Depois da sua saída da cadeia, Debray voltou para França e, como ele mesmo escreveu⁵, se “converteu à República”, deixando de lado os seus anseios revolucionários.

Em maio de 1981, o ex-guru da guerrilha entrou no Palácio do Eliseu na qualidade de conselheiro especial de François Mitterrand, que acabava de ser eleito presidente da França, encabeçando uma ampla união dos partidos da esquerda que voltava ao poder após vinte e sete anos na oposição. Durante os primeiros meses eufóricos no governo, E. B. encontrou Cecile Rousseau, a mulher que a alertou a respeito da campanha de terra arrasada, em curso na Guatemala, e que sugeriu o nome de Rigoberta Menchú, que ela tinha visto no México⁶. Burgos conhecia-a desde a época da conferência tricontinental em Cuba e, naquela época, ela representava em Paris a Organização Revolucionária do Povo em Armas (ORPA), uma das facções da guerrilha guatemalteca, usando o codinome de Marie Tremblay. Em outras palavras, Menchú chegou a Paris porque uma facção da guerrilha representada por Tremblais/Rousseau acertou a sua viagem com outra facção, o Exército Guatemalteco dos Pobres (EGP), representado por Taracena, e que, na prática, mandava na Central Única Campesina (CUC), um sindicato de trabalhadores rurais e pequenos proprietários ao qual Menchú

⁴ DEBRAY, Régis, *Révolution dans la révolution*, Paris, 1967.

⁵ In: *Loués soient nos seigneurs*, Gallimard, 1998.

⁶ Menchú evoca este período (p. 326): “Estive com muitas pessoas que me querem muito bem”, conta Rigoberta a respeito do seu exílio no México. “Lembro-me que pediam testemunhos sobre a situação na Guatemala e, nesse tempo, eu estava muito magoada. Me convidaram a participar de uma conferência de muitos religiosos da América Latina, América Central e europeus onde me pediam uma explicação sobre a vida de mulher e eu, por justas razões e com muito prazer, falei de minha mãe nessa reunião. Muitas vezes tive que suportar a grande dor que sentia ao falar sobre ela; mas eu fazia com tanto afeto, pensando que a minha mãe não era a única mulher que sofreu mas que há muitas mães valentes como ela”.

pertencia. Durante dezessete anos, Taracena manteve o silêncio sobre a sua participação no livro, somente rompendo-o numa entrevista a *El Periodico de Guatemala*, em 3 de janeiro de 1999, justamente para evitar ligar a imagem de Menchú à guerrilha.

Em maio de 1982, depois que as entrevistas foram digitadas por Paquita Rivas e editadas por Taracena e Burgos, o manuscrito do livro foi entregue ao comandante da EGP, Victor López. Lopez, que estava em Paris⁷, junto com outros líderes da guerrilha, para anunciar a criação da União Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG)⁸, levou o texto de volta à Nicarágua – onde vivia a direção da guerrilha guatemalteca em exílio recebendo o apoio do governo revolucionário sandinista no poder desde 1979. O manuscrito foi então lido, recortado e aprovado pelos dirigentes guerrilheiros. Arturo Taracena pensava na época que o “supervisor” do texto tinha sido Mario Payeras, guerrilheiro e escritor, autor do *Dias da selva*, publicado alguns meses antes e vencedor do prêmio Casa de Las Américas de 1980. Mas, anos depois, o historiador descobriu que quem havia cortado alguns trechos do texto tinha sido o comandante Gustavo Meoño que, por ironia da história, na década de noventa, ocupou o cargo de presidente da... Fundação Rigoberta Menchú. Na época, ele era o responsável pela ligação entre a direção da guerrilha e os movimentos de base, como a Central Unica Campesina (CUC), onde Menchú militava. Meoño, segundo Taracena, mandou cortar três trechos do texto por motivo de segurança. Depois desta censura, o manuscrito, acompanhado de uma carta de Victor Lopez, foi enviado de volta a Arturo Taracena que o entregou para Elizabeth.

Afinal, Rigoberta Menchú, cercada de companheiros guerrilheiros, falou em nome dos movimentos revolucionários armados ou das comunidades maias da região do Quiché? Como uma loba em pele de cordeiro, ela usou o subterfúgio de apresentar-se como militante indígena enquanto era na realidade representante da guerrilha⁹, como a acusa Stoll? Este disfarce seria, na visão do antropólogo, a origem das “mentiras” contidas na sua narrativa. R. M., na entrevista ao jornal *El País*, responde:

⁷ Segundo E. B., na introdução do livro, tudo o que se fazia em Paris tinha uma repercussão mundial, inclusive na América Latina. Da mesma forma, os grupos de luta armada nas Américas tinham os seus correspondentes europeus que dividem a sua linha política, os índios tinham também os seus aliados na Europa entre os quais se encontravam principalmente antropólogos.

⁸ A URNG reunia as quatro frentes de guerrilha ativas no país: além da EGP, a Organização Revolucionária do Povo em Armas (ORPA), as Forças Armadas Rebeldes (FAR) e um facção do Partido Guatemalteco dos Trabalhadores (PGT).

⁹ O subtítulo da primeira versão do livro, a versão francesa, negligenciado nas versões mais comentadas (em espanhol e em inglês) indica claramente a proposta política da obra: *Une vie et une voix, la révolution au Guatemala*.

O fato de ser membro do Comité Unidad Campesina (CUC) era interpretado como se fosse membro da guerrilha. Havia vínculos com a guerrilha. Muitos exilados tinham vínculos com a guerrilha. Não tenho uma agenda oculta como pensam alguns e que eu tenho que abrir esta verdade. Só que hoje eu posso dizer estas coisas sem que ninguém seja assassinado amanhã¹⁰.

O motivo de segurança é sem dúvida justificado diante da extrema brutalidade do regime. Mas havia algo muito mais profundo em jogo. Rigoberta não poderia se expressar como líder da guerrilha porque simplesmente não era guerrilheira, não era ninguém no movimento guerrilheiro. E escalar a jovem índia para dar o seu testemunho foi uma clara decisão política de todos os envolvidos para atingir o público europeu. Naquele momento de 1982, Ramirez, Payeras, Debray, Burgos, Tremblay e Taracena formavam juntos um dos grupos de intelectuais que mais profundamente conheciam a literatura de guerrilha. Eles eram amigos, autores, pensadores, militantes ou ex-militantes de organizações de guerrilha, todos profundamente influenciados por este tipo de narrativa e pelo seu pioneiro: Che Guevara. A influência de Che é tão evidente que Mario Payeras, por exemplo, um dos líderes da EGP e dos censores de R. M., publicou o livro *Los dias de la selva* com uma narrativa dos primeiros combates da Frente Comandante Ernesto Guevara na Guatemala e, segundo John Beverley¹¹, construiu o seu livro como referência a *Pasaje de una guerra revolucionaria* de Che Guevara. Ou seja, se Rigoberta Menchú não apresentou uma narrativa de guerrilha não foi por desconhecimento ou por acaso. Foi porque toda a estratégia de comunicação do seu depoimento na Europa estabelecida pelos coordenadores do seu movimento político era justamente a de *não apresentar uma narrativa de guerrilha*.

3.2

La Havana

Alguns meses depois da sua publicação, *Me llamo Rigoberta Menchú e así me nació la conciencia* ganhou o prêmio literário da Casa de Las Américas em Cuba na categoria *testimonio latino-americano*. Esta honraria repercutiu com muita intensidade nos Estados Unidos, onde o livro passou a ser considerado por vários críticos como

¹⁰ Entrevista ao jornal *El País*, 1999. Tradução nossa.

¹¹ *Op. cit.*, p. 200.

ícone da literatura de *testimonio*¹².

Principal centro cultural do país, a Casa de las Américas foi fundada logo depois da revolução. No editorial do primeiro número da *Revista Casa de Las Américas*, publicado em 1960, a sua diretora Haydée Santamaría, uma ex-guerrilheira, define o papel da literatura no pensamento castrista¹³. “Esta revista crê, talvez de forma ingênua, na existência de uma concepção da vida *hispano-americana*”¹⁴, escreve Santamaría, “É uma esperança, incerta e arriscada, de mudar a realidade porque a *América*¹⁵ não é aquela que encontramos todos os dias, desfeita e superficial. Mas a política mostrou que a utopia pode ser real e que portanto a Revolução não é uma falácia. É a razão pela qual podemos aceitar morrer sem dramatismo, mas conscientemente. E a literatura é também esta aventura que pode transformar a realidade americana”. No embalo lírico da revolução recente, a ex-combatente convoca a literatura à participar da grande empreitada de mudar a realidade.

Logo em seguida, a Casa de Las Américas cria um prêmio de literatura “destinado a escritores americanos, natos ou naturalizados de *fala espanhola*”¹⁶ e define cinco categorias: poesia, novela, contos, ensaios e teatro. Nos seus quatro primeiros anos de existência, o prêmio recebeu 1400 candidaturas de escritores, um quarto deles era composto de cubanos. Os outros eram argentinos, mexicanos, chilenos, colombianos e exilados na França, na Alemanha e na China. Para escolher os melhores textos, a Casa convida a cada ano algumas personalidades internacionais como Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, Roger Caillois, Miguel Ángel Asturias, Jean-Paul Sartre, Pablo Neruda, Eugene Ionesco, cuja presença traduz ao mesmo tempo o prestígio de Cuba logo depois da revolução e do prêmio em si, o único do gênero no continente¹⁷.

No dia 4 de fevereiro de 1969, Haydée Santamaría e o subdiretor da Casa,

¹² Cf. capítulo 1.

¹³ Tradução do autor. Texto original: “Esta revista cree, tal vez ingenuamente, en la existencia de una concepción de la vida hispanoamericana. Esta revista es una esperanza, incierta y riesgosa de la posibilidad de cambiar la realidad. Porque si existe American oes la que encontramos cada día, deshecha y superficial, sino la que en política ha demostrado que la utopía puede hacerse real, y que por tanto, la Revolución no es una falacia. Es la razón antes la cual podemos aceptar morir si dramatismos pero conscientemente. Y la literatura es también esta aventura de transformar la realidad americana”. *Revista Casa de Las Américas*, número 1, La Havana, 1960, p. 3.

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ Grifo nosso.

¹⁶ *Revista Casa de Las Américas*, n. 15-6, 1962. Grifo nosso.

¹⁷ As declarações sobre o prêmio e a revista traduzem bem a confusão geográfica vigente nos primeiros anos da Revolução Cubana. Os autores oscilam entre uma perspectiva continental, americana, e um espaço de língua espanhola, sem citar a América Latina, ou seja, sem incluir o Brasil que vai progressivamente ganhar espaço até conquistar, nos anos 80, um conjunto de prêmios específicos para “narrativas brasileiras”.

Manuel Galisch, se reuniram¹⁸ com os quatro membros do júri internacional daquele ano: o crítico uruguaio Angel Rama, o crítico argentino Noé Jitrik, a dramaturga chilena Isidora Aguirre e o poeta e tradutor alemão Hans Magnus Enzensberger. Os convidados expressaram o seu desconforto em julgar obras que não se encaixavam nas categorias vigentes. Obras de autores, como o antropólogo americano Oscar Lewis, o cubano Miguel Barnet (com o famoso texto *Biografía de un chimarrón*, o testemunho de um escravo centenário), o argentino Rodolfo Walsh (*Operación masacre*, de 1954), ou a mexicana Elena Poniatowska (*La noche de Tlatelolco*, 1969) entre outros. Angel Rama lembrou de outras obras literárias que, segundo ele, não apresentam a qualidade literária para ganhar um prêmio, mas têm um valor como testemunho do processo histórico em curso na América Latina. Ele sugeriu então criar uma coleção de livros que seria chamada *Testimonio latino-americano*, uma coleção na qual uma novela, um ensaio, uma poesia, um conto desse o testemunho do que está acontecendo na América Latina. Os gêneros que temos aqui não correspondem mais ao estado atual da literatura porque excluem numerosos gêneros, como a reportagem, o testemunho, a *fatografía*, a novela de não-ficção, conforme refletia Hans Magnus Enzensberger, fato que o leva a sugerir uma nova categoria no prêmio de literatura e a perguntar: “por que não simplesmente criar ou admitir um gênero que já existe que é a *fatografía* ou algo semelhante?”¹⁹ Para o poeta alemão, este gênero teria com a ficção a mesma relação que os documentários têm com os filmes. Haydée Santamaría concluiu a discussão apoiando a criação de uma nova categoria do prêmio literário com “este nome que vocês querem dar de *testimonio* ou alguma coisa dentro da reportagem”²⁰.

A ideia da coleção de livros de Rama não vingou, mas o título dado a ela, *testimonio latino-americano*, serviu para nomear a nova categoria. O termo escolhido recebeu uma aceitação imediata e nunca foi realmente contestado ao longo das décadas que se seguiram (ninguém se lembrou, por exemplo, do termo *fatografía* proposto por Enzensberger). A partir do prêmio cubano, a palavra *testimonio latino-americano* ganhou uma relevância internacional e foi utilizada sem tradução em várias línguas (além do espanhol, o inglês, português e francês entre outras) para identificar não somente a categoria do prêmio cubano, mas também um *corpus* de obras (a literatura de *testimonio*) e, finalmente, as discussões em torno deste *corpus* (o debate do *testimonio*).

¹⁸ O conteúdo dessa reunião somente foi divulgado na edição comemorativa do número 200 da revista da Casa publicada em 1995, p. 120-25. Os textos foram traduzidos pelo autor.

¹⁹ *Revista Casa de Las Américas*, n. 200, 1995, p. 120-125.

²⁰ *Ibidem*.

E tudo isso sem que o conceito de *testimonio* tivesse uma definição clara ou mesmo abarcasse um *corpus* definido. As discussões na Casa refletem bem estas ambiguidades. Angel Rama por exemplo considera um vasto leque de obras (novela, poesia, teatro etc) “cujo valor não é somente literário²¹”. Ou seja, o *testimonio* não seria definido por um gênero, mas por algo além do literário. Na sequência, sem provocar nenhuma reação, Enzensberger toma a atitude contrária e queixa-se de que os *gêneros* atuais não refletem o estado da literatura. A discussão entre o *testimonio* enquanto gênero ou como dimensão extraliterária vai atravessar as décadas.

Este debate fundador só foi divulgado vinte e cinco anos depois, na edição comemorativa do número 200 da *Revista Casa de Las Américas*. É obvio que a Casa não “criou” um gênero, como podemos ler em apresentação não assinada²², mas ela o legitimou e lhe deu um novo marco de referência. Em 1970, na mesma revista, Manuel Galich sistematizou a reflexão “definindo o gênero pelo avesso”, como escreve Valeria de Marco²³, ou seja, mostrando a diferença entre o *testimonio* e a reportagem, a ficção e a biografia. O *testimonio* é mais extenso, profundo, bem escrito e menos efêmero que a reportagem. Diferente da ficção, ele baseia-se no contato direto do autor com os fatos narrados e descritos com fidelidade. No *testimonio*, o aspecto biográfico de um ou vários sujeitos não aparece pela sua dimensão puramente individual, mas intimamente ligado a um contexto social.

Em 1970, o primeiro prêmio de *testimonio* foi atribuído ao livro *A guerrilha Tupamara* da jornalista uruguaia Maria Esther Gillio, por um júri composto do escritor argentino Rodolfo Walsh, do intelectual cubano Raul Roa e do antropólogo mexicano Ricardo Pozas. Nos seus autos, o júri questiona “as características nem sempre bem definidas do novo gênero” e a “obrigação de pesar de forma minuciosa os méritos literários, a atualidade do tema e a transcendência política e social dos textos”²⁴.

Durante anos, os textos fornecidos pelos organizadores do prêmio aos jurados para orientar as suas decisões deixavam claro que “la forma queda a discreción del autor, pero la calidad literaria es también indispensable”.²⁵ Afinal, o que é o *testimonio*?

²¹ *Ibidem*, p. 124.

²² *Ibidem*, p. 121.

²³ MARCO, Valeria de, A literatura de testemunho e a violência de estado, *Lua Nova*, n. 62, 2004, p. 45-68, Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, Brasil.

²⁴ Os autos da deliberação do prêmio outorgado em 1970 foram citados no texto “La Casa de Las Américas y la ‘creación’ del género testimonio”, assinado por Jorge Fonet, diretor do Centro de Investigaciones Literarias de la Casa de Las Américas, publicado no número 200 da *Revista Casa de Las Américas*, jul-set. 1995, p. 120-1.

²⁵ *Revista Casa de Las Américas*, n. 200, p. 121.

Um gênero de formas variáveis? Um texto que mistura testemunho histórico, engajamento político e qualidades literárias? Essas perguntas surgiram a partir dos *comentários* que acompanharam o prêmio. E os livros premiados, o que eles nos ensinam sobre o *testimonio*? Comparar um *corpus* de obras com os textos sobre elas é um exercício bastante comum. No caso do prêmio cubano, ele torna-se problemático. A começar com a lista dos premiados. Ela nunca foi publicada pela *Revista Casa de Las Américas*, que deveria ter se encarregado desta tarefa²⁶. Só tivemos acesso a ela em março de 2010 depois de uma solicitação direta à Casa de Las Américas.

Primeira surpresa: a lista dos vencedores do prêmio *Testimonio latinoamericano* da Casa de Las Américas só contempla 24 obras em 40 anos (de 1970 a 2010). São elas:

- 1970 María Esther Gilio: *La guerrilla tupamara* (Uruguay)
- 1972 Márcio Moreira Alves: *Un grano de mostaza. (El despertar de la revolución brasileña)* (Brasil).
- 1973 Antonio Caso: *Los subversivos* (Cuba).
- 1974 Hugo Neira: *Huillca: habla un campesino peruano* (Perú)
- 1975 Raúl González de Cascorro: *Aquí se habla de combatientes y de bandidos* (Cuba).
- 1977 Anibal Quijada Cerda: *Cerco de púas* (Chile).
- 1978 Eduardo Galeano: *Días y noches de amor y de guerra* (Uruguay) e Marta Rojas: *El que debe vivir* (Cuba).
- 1980 Mario Payeras: *Los días de la selva* (Guatemala).
- 1981 Fernando Pérez Valdés: *Corresponsales de guerra* (Cuba).
- 1982 Omar Cabezas: *La montaña es algo más que una inmensa estepa verde* (Nicarágua).
- 1983 Elizabeth Burgos Debray: *Me llamo Rigoberta Menchú* (Venezuela-Francia).
- 1985 Juan Almeida Bosque: *Contra el agua y el viento* (Cuba).
- 1986 Alí Gómez García: *Falsas, maliciosas y escandalosas reflexiones de un ñángara* (Venezuela).
- 1987 José de Jesús Martínez: *Mi general Torrijos* (Panamá).

²⁶ Porém, nem a consulta das suas edições completas na coleção encontrada na biblioteca Rockefeller da Universidade de Brown permite completar esta busca. A publicação tem uma periodicidade variável, às vezes ela é mensal, às vezes trimestral. Nem sempre anuncia os vencedores do ano; nunca uma lista inteira.

- 1989 Tomás Borge: *La paciente impaciencia* (Nicarágua).
 - 1991 Marcos A. Pellegrini: *Wadubari* (Brasil).
 - 1993 Enrique Cirules: *El imperio de La Habana* (Cuba).
 - 1995 William Gálvez: *El sueño africano del Che. ¿Qué sucedió en la guerrilla congoleza?* (Cuba).
 - 1997 Ramón Fajardo Estrada: *Rita Montaner (testimonio de una época del arte cubano)* (Cuba)
 - 2003 José Alejandro Castaño Hoyos: *La isla de Morgan* (Colômbia).
 - 2007 Edda Fabbri: *Oblivion* (Uruguai).
 - 2009 Eduardo Rosenzvaig: *Mañana es lejos (memorias verdes de los años rabiosos)* (Argentina).
- Premio Extraordinário 1978 Grupo Areíto: *Contra viento y marea* (Cuba-EE. UU.)

Os livros premiados são em sua maioria raros e difíceis de ser encontrados. Foram localizados por meio do sistema de busca entre bibliotecas americanas²⁷ numa dúzia de instituições espalhadas no país. Segundo as fichas coladas nas suas capas, foram raramente consultados, nenhum deles mais de cinco vezes (com exceção, claro, do livro de E. B. à venda em todas as livrarias universitárias). Nos motores de busca de artigos e teses, não aparece nenhuma pesquisa dedicada ao estudo deste *corpus*. A análise que segue é portanto inédita apesar da fama internacional do prêmio cubano.

O estudo do *corpus* das obras vencedoras revela uma dimensão muito surpreendente: a incrível discrepância entre o perfil das obras e o conteúdo do debate internacional em torno do *testimonio latino-americano*. Na prática, a Casa de Las Américas adotou, sob a sugestão de Angel Rama, um nome para um prêmio, e este nome tornou-se uma logomarca internacional, porém o “produto” por trás desta marca tem pouca semelhança com o discurso sobre ele. O que é denominado de *testimonio latino-americano* nos meios acadêmicos não corresponde a uma descrição das obras vencedoras do prêmio *testimonio latino-americano*, começando pelo mais famoso dos livros premiados em Cuba, *Me llamo Rigoberta Menchú...* O texto de Burgos não tem nenhuma representatividade dentro do *corpus* analisado. Entre os outros 23 laureados,

²⁷ Graças ao sistema de empréstimos entre bibliotecas, ao qual tive acesso durante a minha estada na Brown University, tive a possibilidade de consultar todos os livros. A análise do seu conteúdo não é abrangente, ela somente serve para guiar a sequência do texto.

somente um livro (*Huillca: habla un campesino peruano* de Hugo Neira) quase desconhecido e publicado dez anos antes pode ser considerado como uma biografia metonímica. Vencedor em 1974, ele conta a vida de um líder indígena nos Andes e a sua luta sindical. Segundo Emilio Jorge Rodriguez, crítico da *Revista Casa de Las Américas*:

El libro de testimonio individual se transforma en patrimonio colectivo de las luchas campesinas peruanas y esta voz personal de un luchador tiene eco en las aspiraciones colectivas del campesino quetchua²⁸ El objetivo que se propone es darle la palabra a Huillca para que surjan juicios propios de su experiencia directa. En resumen, obtener una visión del entrevistado – acción e pensamiento- dado por el mismo, evitan que intervengan elementos externo.

Hugo Neira quer dar espaço à “voz pessoal de um lutador” cujo testemunho tem um sentido coletivo. Como nenhum laureado usou este recurso depois, podemos afirmar que o livro de Menchú não teve nenhum sucessor, nenhuma influência e não mudou o rumo do prêmio. Mesmo assim, ao observar o conjunto dos vencedores, a premiação de Burgos acontece num momento de mudança no perfil do prêmio. De 1970 até 1983, o prêmio era atribuído anualmente com pequenas exceções: doze vezes em treze anos (dois premiados em 1977 e 1978 e nenhum em 71, 76 e 79). Depois disso, só foi outorgado onze vezes em 27 anos. É importante notar que, desde a sua criação em 1960, a Casa de Las Américas atribuiu prêmios literários *todos* os anos, em diversas categorias que variaram ao longo do tempo. Só não o fez na categoria *testimonio*.

Entre os 11 livros premiados antes de R. M., oito são narrativas de guerrilha. São eles: *La guerrilla Tupamara* de María Esther Gilio (Uruguai); *Un grano de mostaza (El despertar de la revolución brasileña)* de Márcio Moreira Alves, *Los subversivos* de Antonio Caso; *Aquí se habla de combatientes y de bandidos* de Raúl González de Cascorro; *El que debe vivir* de Marta Rojas; *Los días de la selva* de Mario Payeras; *Corresponsales de guerra* de Fernando Pérez Valdés e *La montaña es algo más que una inmensa estepa verde* de Omar Cabezas. Estes livros falam das lutas guerrilheiras em Cuba, na Nicarágua, na Guatemala, no Uruguai e no Brasil. Em resumo, antes do livro de Burgos, o prêmio era atribuído, com poucas exceções, às narrativas guerrilheiras.

Além de *Huillca...*, já citado, os dois outros laureados antes de R. M. são de perfis diferentes: *Cerco de púas*, de Anibal Quijada Cerda, é um dos primeiros relatos de presos políticos no Chile depois do golpe de 73, enquanto *Días y noches de amor y de*

²⁸ *Revista Casa de Las Américas*, n. 85, p. 147. Escrito por Emilio Jorge Rodriguez.

guerra de Eduardo Galeano apresenta um retrato do ambiente dos primeiros anos da última ditadura argentina, um livro instigante e tocante. Numa narrativa fragmentada composta de simples parágrafos e capítulos curtos, o escritor uruguaio mistura histórias pessoais, até íntimas, reflexões sobre o momento que vive (*Quero que o meu filho não acredite que isto foi possível*²⁹), relatos de jornais³⁰ e pequenos acontecimentos políticos, recriando assim o ambiente, o clima (o “*Stimmung*”, diria Gumbrecht) no qual vivia a Argentina no início da última ditadura. Este livro, delicado, recheado de ironia e de ternura, uma respiração com humor, mesmo que consciente e inquieto, descreve com precisão o fim de uma época, um momento de virada, um anoitecer quando o narrador ainda tenta guardar a esperança, cada vez mais tênue, de manter os sonhos dos anos sessenta, da fraternidade latino-americana, e teima em inventar, fora do claustro castrense, um cotidiano suave, quando a morte ronda, mas ainda não impera, o tempo muda, os ambientes ficam pesados, as ameaças são a cada dia mais frequentes.

É o único deste tipo que foi premiado pela Casa de Las Américas. É provável que as qualidades literárias da obra, assim como os laços estreitos do autor com a Casa (ele foi jurado do primeiro prêmio *testimonio* em 1970), tenham contribuído para esta escolha cujos parâmetros não correspondem às descrições do *testimonio* feitas até então por Angel Rama, Haydée Santamaría, Miguel Barnet e outros.³¹

Em 1985, logo depois de Burgos, a Casa atribui os seus louros a uma obra patética: *Contra el agua y el viento* de Juan Almeida Bosque. Um prólogo bajulador, *cometido* pelo crítico Roberto Fernandez Retamar, apresenta o autor como comandante da revolução, fato de suma relevância para o seu testemunho como coordenador da ajuda às vítimas do furacão Flora em 1963. Vinte e dois anos depois, este escrevinhador nos brinda com um relatório de sessenta (!) páginas de sua heroica tarefa, ilustrada com desenhos de Xiomara Crespo (num estilo realista-socialista primário) e com boletins de meteorologia *in natura* compondo assim uma medíocre peça de propaganda que parece

²⁹ P. 78

³⁰ P. 151. “Los diarios no publicaran una línea sobre el secuestro de uno de los mejores novelistas argentinos. Las radios no dijeron nada. El diario de hoy trae la lista completa de las victimas del terremoto de Udine en Italia”.

³¹ No contexto hispano-americano, o texto de Galeano poderia ser qualificado de crônica. No âmbito deste trabalho, ele aparece como uma narrativa intermediária que prenuncia o que virá. Neste ponto, é importante ressaltar a diferença entre o tempo histórico e a sucessão das *linhagens* de narrativas. Mesmo que todos os países do continente tenham passado por eventos similares durante o período da Guerra Fria, de 1956 (início da Revolução Cubana) a 1996 (fim da guerrilha na Guatemala), cada país teve uma evolução peculiar, e, portanto, a sucessão das narrativas não ocorreu de forma sincrônica. Assim, em 1976, época descrita no livro de Galeano, por exemplo, a Argentina vivia o auge da repressão militar enquanto o Brasil já iniciava processo de abertura, a Nicarágua ainda caminhava para a sua revolução (de 1979) e, no Peru, a guerrilha do Sendero Luminoso nem tinha começado.

saída da gaveta de um burocrata stalinista.

Infelizmente, este efeito colateral literário do furacão Flora não foi um simples acidente. Depois da sua passagem, a bússola dos jurados parece ter definitivamente perdido qualquer norte. Até 1991, encontramos as confissões de um cafetão venezuelano (*Falsas, maliciosas y escandalosas reflexiones de un ñángara* de Alí Gómez García, 1985), uma biografia política panamenha (*Mi general Torrijos* de José de Jesús Martínez, 1987), uma narrativa da guerrilha nicaraguense (*La paciente impaciencia* de Tomás Borges, 1989) e o depoimento do médico sanitário brasileiro³² Marcos A. Pellegrini que, em *Wadubari*, apresenta o mundo dos índios *yanomanis* do extremo norte do Brasil, então ameaçados pelo avanço dos garimpeiros nas suas terras.

Depois desse período instável, a premiação entra numa espécie de coma castrista durante doze anos (de 1992 e até 2004), destacando apenas três obras locais de propaganda explícita: *El sueño africano del Che. ¿Qué sucedió en la guerrilla congoleña?* de William Gálvez (1995), *Rita Montaner (testimonio de una época del arte cubano)* de Ramón Fajardo Estrada (1997) e *El imperio de La Habana* de Enrique Cirules (1993). Este último reconstitui a história da máfia cubana, seus tráficos, cabarés, prostíbulos, cassinos e motéis, agitando as noites de La Havana, mas tudo isto somente teria acontecido, conforme clama o autor, antes da revolução, já que este assunto ficou resolvido assim que o Exército Rebelde derrotou o esquema do poder imperialista imposto a Cuba³³. Em outras palavras, Fidel purificou o país! Num linguajar de clichês revolucionários, o texto dedica-se a demonstrar a inexistência de tráfico de drogas na ilha desde a chegada de Castro ao poder, e sua publicação acontece justamente na época em que os Estados Unidos acusavam a ilha de ter se transformado num entreposto do tráfico internacional.

Para completar a série, dois autores recentes (2007 e 2009) tratam das ditaduras do ponto de vista das vítimas: *Oblivion*, da uruguaia Edda Fabbri, e *Mañana es lejos (memorias verdes de los años rabiosos)*, do argentino Eduardo Rosenzvaig. Por fim, *La isla de Morgan*, do colombiano José Alejandro Castaño Hoyos, leva o leitor às entranhas de uma casa ocupada por mendigos, prostitutas, crianças de rua e drogados no centro de Bogotá. O autor usa um procedimento clássico do *new journalism* (ele veste um

³² Junto com os dois textos de guerrilha do início dos anos 70 (*Gran de mostarda* de Marcilio Marques Moreira e *Los subversivos* de Antonio Caso), *Wadubari* completa assim o trio dos textos de testemunho no Brasil durante quarenta anos do prêmio. Dois guerrilheiros e um sertanista. Felizmente, as letras brasileiras foram muito melhor representadas nas outras categorias do prêmio, até com a emergência, nos anos 90, de uma categoria “narrativa brasileira” e numerosos ensaios premiados.

³³ CIRULES, *Op. cit.*, p.14.

disfarce para entrar num recinto que, de outra maneira, lhe proibiria o acesso) e constrói a sua narrativa a partir da sequência dos acontecimentos produzidos pela sua experiência. Seria bastante *déjà vu* se não fosse o incrível enredo do repórter que se faz passar por um michê para encontrar o seu informante Mauricio, chamado Mickey Mouse devido às suas grandes orelhas negras, um ex-engenheiro do petróleo que o consumo desenfreado de drogas levou a viver num estado de mendicância, assim como Cinco Cero, ex-advogado trabalhista que divide o lixo que cata para comer com o seu inseparável vira-lata Setenta Porcento - setenta por cento é mais ou menos o que lhe resta do corpo depois de perder as orelhas, o olho direito e a metade das patas traseiras...

No seu conjunto, o *corpus* dos livros premiados na Casa de Las Américas ostenta assim uma surpreendente mediocridade diante da fama do prêmio. Apenas vinte e quatro livros destacados em quarenta anos. Entre eles, um terço mereceria entrar em outra categoria ou na lixeira de uma editora razoável. As escolhas dos jurados não apresentam nenhuma dinâmica, nenhum movimento evolutivo, nenhum autor que se destaque e faça escola. Com um júri renovado a cada ano, o prêmio *testimonio* da Casa de Las Américas oscila entre a indefinição teórica e as prioridades políticas do regime castrista para destacar um conjunto desconexo de obras. Este prêmio serviu para nomear o até então não-nomeado e cravar o conceito *testimonio latino-americano*. Mas, além disso, a contribuição cubana para o debate foi pífia. A Casa de Las Américas desvalorizou completamente o prêmio com o grande prestígio internacional que ela mesma criou: a premiação adotou um ritmo instável, perdeu a sua dimensão continental e qualquer relevância para a discussão literária. A análise do *corpus* dos vencedores demonstra que as decisões do júri do prêmio *Testimonio* nada têm a ver com o debate produzido por este mesmo prêmio.

O único *corpus* consistente valorizado pela Casa de Las Américas é composto pelas narrativas de guerrilha³⁴. Paradoxalmente, este prêmio provocou e chancelou um debate sobre o *testimonio* em termos que escapam à dinâmica da literatura de guerrilha

³⁴ Das quais somente duas são às vezes citadas pelos críticos norte-americanos: *Os dias da selva* de Payeras e *A montanha* de Osmar Cabezas. Estes textos são lembrados essencialmente em função da sua proximidade com R. M.: Cabezas, que fala da guerrilha na vizinha Nicarágua, foi o último ganhador do prêmio antes de E. B. em 1982; enquanto Payeras, vencedor em 1980, era um dos ideólogos do EGP, a guerrilha guatemalteca que organizou a viagem de R. M., para a qual escreveu manuais de treino de guerrilheiros; ele foi um dos leitores dos textos de E. B. antes da sua publicação. As obras laureadas que não abordavam o tema da guerrilha foram na sua maioria ignoradas pelos críticos americanos.

e, ao mesmo tempo, premiou obras de guerrilheiros. Ou seja, a prática da premiação valoriza um modelo narrativo que escapa às suas próprias teorizações, tanto nos textos de Miguel Barnet quanto dos dirigentes da Casa, como Haydée Santamaría, e nas normas apresentadas aos jurados.

3.3

Nos Estados Unidos

Apesar da sua influência continental desde o início dos anos 60, Ernesto Guevara é solenemente ignorado pela academia americana enquanto escritor de testemunho. Nas 132 teses sobre o *testimonio* apresentadas nas universidades americanas nos vinte últimos anos³⁵, *todas* se debruçam sobre o livro de Rigoberta Menchú, e a maioria analisou este texto junto com um punhado de obras, entre as quais se destacam as de Huilca, Domitila Barros, Miguel Barnet e Elena Poniatowska, mas *nenhuma tese americana se dedica ao estudo do testemunho de guerrilha*. De fato, os autores que abordam diretamente este tipo de testemunho são muito raros, apesar do fato de que a literatura de guerrilha inspirada em Che Guevara espalhou-se em todo continente em grande número de publicações. A cifra exata é praticamente impossível de definir, já que inúmeros textos foram publicados na clandestinidade, com tiragens confidenciais e distribuição entre círculos de militantes cientes de que a simples posse de tais escritos poderia levá-los à cadeia, à tortura e até a morte. A única tentativa de reunir este *corpus* apareceu na publicação de 1996, em Caracas, do livro do crítico tobaguense Lancelot Cowie, *Guerrilla en la literatura hispanoamericana: aporte bibliográfico*³⁶. Este livro contém basicamente uma bibliografia reunindo nada menos que 452 títulos de livros com tema da guerrilha publicados em dezesseis países da América Latina. Entre eles, aproximadamente³⁷ 130 testemunhos de guerrilha. Esta lista mereceria ser atualizada e, principalmente, completada, já que, por exemplo, muitos dos livros premiados em Cuba não a integram, assim como acontece com muitas obras que encontramos ao longo da nossa pesquisa. Mas, de certa forma, Cowie oferece uma

³⁵ Segundo pesquisa realizada com o motor de busca em teses Pro-Quest da Universidade de Brown.

³⁶ Publicado pelo editor Simon Bolívar da Universidad Simon Bolívar, Caracas, 1996.

³⁷ Cowie não identifica as narrativas testemunhais. A cifra de 130 é uma estimativa a partir dos títulos das obras, sendo algumas já do meu conhecimento e outras com títulos muito explícitos. Apesar da imprecisão do número apresentado, é evidente que Cowie listou, entre as obras, mais de uma centena de testemunho de guerrilha, o que é muito significativo em comparação aos raros textos de biografia metonímica.

grande contribuição à discussão do tema, provando a existência de um imenso *corpus* espalhado no continente³⁸.

Além da lista bibliográfica de Cowie, só encontrei um estudo³⁹ sobre o tema: o capítulo “Las narraciones guerrilleras: configuración de un sujeto épico de nuevo tipo”, do livro *Narraciones de testimonio en América Latina: cinco estudios* (1992), do crítico porto-riquenho professor da Universidade de Pittsburg, Juan Winter Duchesne.

O debate em torno do *testimonio* marginalizou a narrativa de guerrilha, sem dar nenhuma explicação consistente. O mais influente crítico ativo neste debate, John Beverley, reconhece “o gênero do testemunho de guerrilha cujo modelo é antes de qualquer outro *Pasajes de una guerra revolucionaria*”⁴⁰, antes de afirmar de forma surpreendente que ele tentou criar uma definição do *testimonio* tomando como paradigma o livro de Rigoberta Menchú “não se lembrando porquê”⁴¹, em vez de outros livros, como *La montaña es algo más que una inmensa estepa verde* de Omar Cabezas, vencedor do prêmio da Casa de Las Américas em 1982, que, segundo o próprio Beverley, “reproduz as convenções do testemunho de guerrilha de tipo cubano”⁴². Essa afirmação de Beverley é, no mínimo, curiosa. No mesmo momento em que ele reconhece a especificidade do testemunho de guerrilha, o papel de Che Guevara e a influência da Revolução Cubana, ele opta por não levar em conta este tipo de narrativa e, *sem saber porquê*, desenvolve uma teoria do *testimonio* na qual coloca “a margen no centro”⁴³, ou seja, R. M. no altar da *contraliteratura*⁴⁴ enquanto destina a prosa guevarista a mofar no porão do esquecimento. Justiça seja feita, Beverley e seu colega da Universidade de Minnesota, Marc Zimmermann, estão entre os raros críticos

³⁸ O nosso propósito não é de apresentar uma lista completa das narrativas testemunhais de guerrilhas, mas somente de revelar a existência de testemunhos de guerrilhas no Brasil, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, na Chile, na Bolívia (guerrilha do Che), no Peru, na Colômbia, na Venezuela, no Nicarágua (Sandinistas), no El Salvador, Guatemala, México sem esquecerem Cuba, claro.

³⁹ Podemos citar também a tese (não publicada e somente acessível digitalmente) de Hector Miguel Leyva Carias, da Universidade Complutense de Madrid, intitulada *La novela de la revolución centroamericana* (1960-1990) – que aborda as narrativas de guerrilhas sejam elas testemunhais ou não, o que de fato aparece como uma grande lacuna já que fica difícil com este texto distinguir testemunhos das novelas de ficção de escritores que viviam em países em guerra. O próprio autor da tese não levanta esta questão.

⁴⁰ BEVERLEY, *Testimonio on politics of truth*, p. X, tradução nossa.

⁴¹ Versão original, *Ibid.*, p. XI: “I picked up Menchú’s book as a paradigm. I don’t remember exactly why”.

⁴² Idem.

⁴³ Ver o ensaio de Beverley, “The margin at the center”.

⁴⁴ Outro conceito do autor.

americanos a mencionar a literatura de guerrilha, mesmo sem aprofundar as suas características e as suas diferenças com a narrativa de Menchú. É então fundamental recolocar Che Guevara e a sua obra *Pasajes de una obra revolucionária* no centro (e não na margem) da discussão sobre o testemunho na América Latina: justamente por ser *diferente* da narrativa de Menchú e por ser o modelo e o início de uma ampla produção testemunhal no continente, que era clandestina, foi marginalizada e está quase desaparecida dos debates literários.

Em resumo, o livro de Burgos foi concebido em Paris por um grupo de ativistas ligados à guerrilha e profundo conhecedor da obra e da figura de Che Guevara que, na época, para otimizar o impacto político do testemunho, escolheram apresentar a narrativa de uma vítima indígena (e não a de um líder da guerrilha enquanto a esquerda francesa retornava ao poder por via democrática e a luta armada era condenada por grande parte da opinião pública e dos dirigentes de esquerda). Em Cuba, *Me llamo...* ganhou um prêmio que lhe valeu nos Estados Unidos ser etiquetado como ícone do *testimonio latino-americano*, quando La Havana carimbou o conceito apresentado por Rama, mas não soube usá-lo para destacar um conjunto coerente de obras, contentando-se em agraciar obras de forma errática ou em cancelar narrativas de guerrilhas. Enquanto, em Paris, um grupo de guerrilheiros e simpatizantes silenciava o seu engajamento para deixar fluir uma narrativa não guerrilheira, em Cuba, os mentores da cultura castrista e seus parceiros ambicionavam repensar a literatura, mas premiavam em prioridade a prosa de guerrilheiros. Os primeiros escondiam a sua própria identidade (de guerrilheiros), os segundos aludiam nos seus discursos ao perfil (de guerrilha) de muitos textos premiados. E, nos Estados Unidos, *sem saber porquê* ou sem dar nenhuma explicação, a academia acolheu o conceito cubano de *testimonio*, mas recalcou o modelo cubano de narrativa de guerrilha. E, como um Forrest Gump⁴⁵ da literatura, a narrativa de Menchú encontrou-se a cada etapa no lugar certo e na hora certa por motivos que escapam totalmente à sua vontade.

⁴⁵ Alusão ao personagem-título interpretado por Tom Hanks no filme de Robert Zemeckis, de 1994.